

TEOLOGIA MORAL E AIDS

* Doutor em Teologia e Filosofia. Professor titular da PUC-Campinas.

José Trasferetti*

Resumo:

O artigo procura compreender a ação governamental e religiosa em relação ao HIV/Aids. Aborda os pronunciamentos coordenados pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e Conferência Episcopal Latino-Americana. As grandes dificuldades culturais e teológicas são analisadas em chave multidisciplinar utilizando, sobretudo, as referências teológicas. Procura-se mostrar a necessidade de estabelecer um diálogo cada vez mais profícuo entre as instituições na tentativa de construir uma Teologia da Prevenção na América Latina. Uma Teologia que possua como mote central a responsabilidade em comunhão com a educação e a liberdade.

Palavras-chave: Teologia da Prevenção, Aids, CNBB, CELAM, Governo, América Latina.

Abstract:

Trasferetti using Brazilian Govern programs and Church's documents, mainly from Latin American Conferences and Brazilian bishops conference casts some lights on the dramatic situation of the AIDS infected people. Theological and cultural problems or obstacles are under consideration in analytical terms making use of some scientific tools and theological references. Trasferetti argue that a kind of Prevention Theology would be of great value in order to improve a dialogue between institutions in Latin America. Pastoral activities must have in mind these three motto: responsibility, education and freedom.

Key-words: Prevention Theology; AIDS; Church; CELAM; AIDS; AIDS: Pastoral

INTRODUÇÃO

O organismo mais importante que coordena o trabalho teológico e pastoral da Igreja Católica no continente latino-americano chama-se CELAM. O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) foi fundado em 1955 pelo Papa Pio XII a pedido dos bispos da América Latina e Caribe. O CELAM presta serviços de contato, comunhão, formação, investigação e reflexão às 22 conferências episcopais que se situam desde o México até o Cabo de Hornos, incluindo o Caribe e as Antilhas. Seus diretores são escolhidos a cada 4 anos por uma assembléia ordinária que reúne os presidentes das conferências episcopais.

O CELAM divide sua área de atuação através dos seguintes pontos: México e América Central (Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá); Antilhas-Caribe (Antilhas, Cuba, Haiti, Porto Rico, República Dominicana); Países Bolivarianos (Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela); Brasil-ConeSul (Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai).

A preocupação com os trabalhos pastorais e sua responsabilidade social sempre foi ressaltada em seus documentos. O CELAM tem a tarefa de coordenar, estimular e apontar os caminhos de uma evangelização que seja transformadora. O compromisso solidário com os pobres faz parte intrínseca de suas propostas eclesiais. Como ser presença real e eficaz num mundo em constante transformação? Esta pergunta está sempre presente em seus documentos. O novo século traz grandes desafios. A questão da maioria excluída seja econômica, cultural, política ou eclesialmente tem marcado o cenário da pastoral na América Latina. O CELAM tem buscado uma pastoral que evangelize a cultura, que discuta temas polêmicos, que infunda um novo ardor missionário e que seja profética em todos os níveis.

Entretanto, não é tarefa fácil viver, trabalhar e pastorear num continente marcado pela pobreza, exclusão social, conflitos econômicos e políticos. A cultura do machismo, do preconceito, da marginalização social reina em nosso continente. Que moral, que ética estamos precisando? Como interferir na sociedade que sofre cada vez mais a influência das indústrias e meios de comunicação de massa? O CELAM tem se preocupado constantemente com a formação da moral e da ética. Vivemos numa sociedade em que a cultura tem sido banalizada e a chamada *cultura da morte*, como denunciou na época o Papa João Paulo II, tem sido cada vez mais evidenciada. Por isso, a *IV CELAM* afirmou:

Embora realidade pluricultural, a América Latina e o Caribe estão profundamente marcados pela cultura ocidental, cuja memória, consciência e projeto se apresentam sempre no nosso predominante estilo de vida comum.

¹ AAVV, *Santo Domingo: ensaios teológico-pastorais*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 198, n. 252.

*Daí o impacto que a cultura moderna e as possibilidades a nós atualmente oferecidas por seu período pós-moderno produziram em nossa maneira de ser.*¹

A preocupação com a cultura moderna especialmente com seus valores de personalização, absolutização da razão, conquistas tecnológicas e científicas tem caracterizado a atuação do CELAM como defensor de uma evangelização inculturada.

Nesse sentido, os desafios pastorais são muitos. O número 253 da *IV CELAM* aponta para os seguintes pontos: 1) escassa consciência da necessidade de uma verdadeira inculturação como caminho para a evangelização da cultura; 2) incoerência entre os valores do povo, inspirados em princípios cristãos, e as estruturas sociais geradoras de injustiças, que impedem o exercício dos direitos humanos; 3) o vazio ético e o individualismo reinante que reduzem a fundamentação dos valores a meros consensos sociais subjetivos; 4) o poder massivo dos meios de comunicação social, com frequência a serviço de contra-valores; 5) a escassa presença da Igreja no campo das expressões dominantes da arte, do pensamento filosófico e antropológico-social, do universo da educação; 6) a nova cultura urbana, com seus valores, expressões e estruturas características, com seu espaço aberto e, ao mesmo tempo, diversificado, com sua mobilidade, em que predominam as relações funcionais.

Dentro deste imenso campo de desafios relacionados à cultura ainda é preciso mencionar a questão da AIDS. O continente latino-americano é predominantemente machista e repleto de injustiças e desigualdades. Um machismo, certamente, influenciado por uma moral religiosa rigorista, que durante séculos pregou a cultura patriarcal como modelo de relacionamento conjugal. Outras expressões culturais motivadas por questões religiosas, certamente, têm motivado, ainda hoje, os relacionamentos sexuais e conjugais das famílias latino-americanas. A discussão do uso ou não do preservativo é um bom exemplo. Muitas mulheres e homens contraem o vírus HIV devido à falta de diálogo com os parceiros. Afetividade, relações sexuais e prevenção por mais que os meios de comunicação de massa – rádio, televisão, campanhas – expliquem e informem, a maioria parece desconhecer.

O catolicismo sempre esteve associado às formas colonizadoras que se impuseram em nosso continente. Foi e continua influenciando a cultura latino-americana, bem como os padrões de comportamento. Por isso, numa realidade marcada pela AIDS não podemos mais nos omitir. Embora não seja a principal ameaça à vida humana (a fome mata uma criança a cada três segundos), devemos encontrar mecanismos teológicos para compreender esta realidade.

Por tudo isso, apresentamos aqui as bases teológicas e pastorais a partir de uma fundamentação voltada à *Teologia da Prevenção* para que a moral católica passe a refletir e agir levando em conta a urgência progressiva dos altos índices do HIV/AIDS na América Latina. Mais do que uma realidade é um flagelo. Por isso, órgãos governamentais e não-governamentais, instituições religiosas, meios de comunicação, sociedade civil, comunidade científica, todos precisam, constantemente, lembrar que a Aids é um problema de todos!

1. A REALIDADE DA AIDS

Apesar de já ter sido diagnosticada há mais de 20 anos, a AIDS continua sendo uma questão problemática para as religiões, especialmente, para a Igreja Católica. No final de 2001, a América Latina apontava para 1,5 milhão de pessoas com HIV, 80 mil mortes, 130 mil novas infecções. No Caribe foram 420 mil pessoas com HIV, 30 mil mortes, 60 mil novas infecções. Portanto, números alarmantes.

A Organização Panamericana de Saúde (OPS) informou que, após várias negociações entre os governos de 11 países da América Latina – Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai e a Venezuela – 26 companhias farmacêuticas trabalharam na redução dos preços dos anti-retrovirais, medicamentos usados para combater o vírus da Aids e que reduziram entre 15 e 55% os esquemas terapêuticos mais utilizados na região. As negociações possibilitaram também aos países possam reduzir seus gastos com *anti-retrovirais* entre 9% e 66%. Assim, a América Latina tornar-se-á a primeira região do mundo em desenvolvimento que oferecerá tratamentos anti-retrovirais a todas as pessoas que necessitem. *Se estima [sic] que, na América Latina tenha 1.561.000 pessoas com HIV. Delas, 354 mil necessitam de atenção com anti-retrovirais e, na atualidade, 73% recebem tratamento, enquanto que, na África e Ásia, esse percentual alcança somente 10%.²*

A comunidade científica, recentemente, publicou uma pesquisa revelando a origem geográfica do HIV a partir de uma população de chimpanzés isolada na região de Camarões, África. Foi o ponto de partida do subtipo 1 do vírus, justamente o que mais se espalhou pelo mundo. A descoberta foi feita por um grupo de cientistas que criou um método para detectar a presença do HIV nas fezes dos macacos e veio mapear sua trajetória.

Já se sabia que o HIV estava intimamente relacionado com o SIV (a versão símia do vírus), mas ainda não tinham meios técnicos de detectar qual população abrigava o vírus. Em recente

² *Anti-retroviral*: Medicamentos usados contra a infecção pelo HIV, que é um retrovírus. Disponível em: <http://www.adital.org.br>. Acesso em: 12 set. 2005.

trabalho, o cientista Brandon Keele, da Universidade do Alabama, autor principal do estudo que descreveu a descoberta, publicado na revista *Science*, afirmou que a revelação não deve trazer conseqüências imediatas para o desenvolvimento de vacinas e antivirais, mas é de importância vital para compreender a biologia do HIV. Agora, pode-se entender quanto da diversidade do vírus, assim como o contato com os humanos e quanto dela já existia nos chimpanzés.

Com as análises genéticas mais sofisticadas, os pesquisadores conseguiram ainda distinguir as origens de duas variantes do vírus, uma pandêmica e outra que só existe em partes da África. Cada uma delas infectava populações diferentes de animais, chimpanzés, dentro do país Camarões.

Portanto, a lógica é clara: à medida que mais populações de chimpanzés forem sondadas, os cientistas poderão ter pistas sobre como o HIV ganhou a capacidade de infectar humanos. *Estamos trabalhando agora para determinar quais mutações se acumularam quando ele ainda estava no hospedeiro original, e o que essas mudanças significam em termos patológicos*, disse Keele.³

A descoberta do cientista também reforçou a tese de que o contato entre humanos e chimpanzés não é muito aconselhável. Em muitos países da África é habitual o consumo de carne de gorilas e outros macacos. A maioria dos cientistas acredita que essa é uma forma comum e também arriscada de contato com os vírus. *Como o reservatório de SIV ainda existe tanto em Camarões como em populações de chimpanzés de outros países africanos, o consumo de carne símia aumenta bastante o risco do surgimento de novas variantes do vírus da Aids capazes de infectar humanos*.⁴ O surgimento de uma nova variante do vírus traria uma série de problemas para o desenvolvimento de vacinas, já que a imunização eficaz não comporta todos os subtipos de HIV existentes.

Diante deste contexto, muitos dos países da América Latina não têm condições de estabelecer programas de prevenção e práticas de apoio e cuidado dos portadores. A cultura consumista, promíscua e antívida têm triunfado de forma avassaladora. O machismo e o moralismo religioso, associado ao legalismo hipócrita, tem norteado a prática de muitos cristãos, impedindo um diálogo profícuo entre pais, filhos, professores, médicos, cientistas, religiosos e outros.

Por sua vez, o CELAM não tem se preocupado com o tema. Em seus pronunciamentos mais importantes, tais como: *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, publicado em 1968; *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, publicado em 1979 e *Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã*, publicado em 1992, não abor-

³ Cf. GARCIA, R., Vírus da Aids surgiu em chimpanzés de Camarões. Em *FOLHA DE S. PAULO*, 26 maio 2006. Caderno Ciência, p. A15.

⁴ Idem. SIV = Simiane Immunodefizienz-Virus

daram de forma séria e profunda as questões que circundam a AIDS, Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Primeiro, porque em 1968 e 1979 quando os bispos se reuniram a questão da Aids ainda não era evidente. Mas, em 1992 já o era e mesmo assim, encontramos apenas uma breve consideração, associando a Aids a outras questões como violência, toxicomania, terrorismo, narcotráfico. Sem dúvida, trata-se de uma constatação da realidade social que orienta nossos trabalhos pastorais e sociais.

Os portadores do vírus HIV e os que estão com AIDS já fazem parte do dia-a-dia das nossas comunidades. Entretanto, as pastorais possuem enormes dificuldades de atuação quando o assunto é AIDS. Ainda permanece aquele *mal estar* preconceituoso que ronda nossas mentes quando *olhamos* ou *conversamos* com um soropositivo. Como não existe um trabalho de base de formação cultural que modifique nosso modo de pensar e de compreender esta realidade, a concepção discriminatória acaba ganhando força. Os governos também devem ser responsabilizados, na medida em que não fazem nenhum tipo de publicidade que seja educativa, informativa. Com exceção do Brasil, quase toda a América Latina, não possui um trabalho eficiente neste campo. As campanhas, quando existem, são tímidas e não chegam a atingir à sociedade de forma eficiente e transformadora.

Por isso, que um dos grandes desafios está no campo da cultura. A teologia e os aspectos teológicos fazem parte do fenômeno cultural que norteia a ação e os comportamentos de toda sociedade. Os documentos do CELAM têm destacado este ponto com bastante precisão. Na *IV CELAM* afirmou-se a necessidade de evangelizar a cultura para que a vida enquanto dom maior do criador se faça realidade atuante em nosso meio. O documento, condenou as ações contra a vida: *fomentam-se a mentalidade e as ações contra a vida mediante campanhas anti-natalistas, de manipulação genética, do abominável crime do aborto e da eutanásia. Muda-se o sentido da vida como conquista do forte sobre o fraco, que propicia ações de ódio e destruição, e impede a construção e o crescimento do homem.*⁵ A despeito, a vida está associada a uma deformação da consciência, a uma ética permissiva e a uma sensível queda da noção de pecado. Os valores religiosos também vão perdendo sua importância e representatividade no seio da sociedade. Um verdadeiro trabalho de educação deve ser realizado. A pobreza associada à falta de condições culturais dificulta o trabalho dos agentes sociais e pastorais.

Por causa do quadro epidemiológico do vírus, que passou por mudanças, a realidade de quem vive com a AIDS é desanimadora. Os especialistas afirmam que o HIV torna-se cada vez mais resistente às drogas usadas no tratamento. Nos Estados

⁵ AAVV, *Santo Domingo*, op. cit., n. 234.

Unidos, por exemplo, os portadores tomam um coquetel de três drogas para controlar a carga viral, mas na maioria dos casos, o vírus resiste a uma das drogas. Portanto, *cerca de 78% dos 1.500 portadores examinados pelos autores do estudo tinham um tipo de vírus imune à pelo menos uma das drogas usadas no chamado coquetel anti-Aids.*⁶

⁶ Cf. J. TRASFERETTI, *Família e Aids*. Campinas, Átomo, 2002, p. 12

De acordo com os objetivos defendidos pela OMS – cem milhões de pessoas estarão vivendo com o vírus em 2020. Segundo a matéria divulgada pelo *Jornal Hoje*, da *Rede Globo*, em 21/11/2005, desde o primeiro caso de Aids, em 1981, até o ano de 2005, foram constatados 40,3 milhões de casos em todo o mundo, destes, 1,8 na América Latina. Em 2005, 5 milhões de casos foram registrados, destes, 30% foram notificados no continente africano, número que corresponde a dois terços da infecção mundial.⁷

⁷ OMS e a Aids. Disponível em: http://www.ambafrance.org.br/abr/atualidades/pol_diplomat132.htm. Acesso em: 08 set. 2005.

Já morreram 3 milhões de pessoas no mundo. Hoje, o único progresso contra a pandemia foi à melhoria na qualidade de vida dos soropositivos e, mesmo assim, não é aplicado a todos os continentes. Segundo o relatório anual do UNAIDS, em 2005, seis bilhões de dólares foram destinados à luta contra a Aids, quando na verdade seria necessário o dobro deste valor. As estimativas para 2007 indicam que os recursos requeridos serão de 20 bilhões de dólares.⁸

⁸ Idem.

Ainda não há uma vacina para o vírus da Aids, mas de acordo com especialistas, apenas daqui dez anos estará disponível uma que possa ser eficaz. Além disso, se os resultados do estudo não forem satisfatórios, os pesquisadores terão que recomeçar tudo. Somente 3% dos recursos destinados ao controle da Aids são investidos em uma vacina contra o HIV.⁹

⁹ Idem.

De acordo com a matéria divulgada no site do jornal *O Povo*, em 03/09/2005, duas enzimas que podem ser usadas para o tratamento da Aids foram descobertas no Mar Mediterrâneo por seis pesquisadores e cientistas europeus. A pesquisa foi conduzida por Manuel Ferrer, do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) da Espanha. *A descoberta tem implicações diretas na indústria farmacêutica e abre caminho para a elaboração de novas moléculas de alto valor terapêutico.*¹⁰

¹⁰ TRATAMENTO da Aids. Disponível em: www.noolhar.com.br. Acesso em: 03 set. 2005.

Portanto, é preciso dar atenção especial às questões relacionadas à prevenção, atenção, apoio, acolhimento e também investigação de medicamentos. A Teologia Moral não pode se omitir mais diante de um tema tão forte e complexo. Um pouco de ousadia e coragem é necessário nestes tempos de grandes transformações culturais, sociais, científicas e tecnológicas. A Teologia Moral, sobretudo, precisa romper os cercos do *manuálio* moral e incrementar novas linhas de pesquisa e ação. A construção de uma Teologia da Prevenção torna-se um impera-

tivo urgente neste contexto de crise, onde os números da mortalidade por causa do vírus HIV vêm crescendo assustadoramente.

2. A TEOLOGIA MORAL NO CONTEXTO DA AIDS

O tema da AIDS na literatura teológica latino-americana ainda é muito tímido. Os teólogos moralistas que vivem e trabalham no continente estão inseridos num contexto cultural profundamente conservador. Em muitos casos prevalece a *moral casuística* ensinada nos seminários. Os leigos têm pouco acesso ao estudo e à discussão teórica de base. Por falta de incentivo e coragem, os leigos acabam ficando totalmente submissos às orientações oficiais do Vaticano, das Conferências Episcopais e da produção prático-teórica dos teólogos. O clima cultural vivido nestes países também é profundamente rigorista. O machismo perpetrado na cultura domina as relações, invade lares e constrói uma rede de relacionamentos sociais que em nada colabora para o crescimento pessoal e institucional.

O Brasil tem sido um dos países que mais tem produzido nesta linha. Teólogos como Antonio Moser, Márcio Fabri, Leocir Pessini, Leonard Martin, Bernardino Leers e tantos outros, têm se preocupado com o tema da AIDS em alguns de seus trabalhos e publicações. Mesmo assim, a produção é pequena. Teólogos moralistas de outros países latino-americanos menos ainda. Os temas considerados polêmicos não entram em discussão. Quando muito estabelecem uma fundamentação teórica da moral, reeditando em aulas, conferências e no púlpito das igrejas. Raramente encontramos alguma posição mais aberta. A Teologia Moral tem se restringido aos cursos de seminários e suas preocupações se baseiam nos manuais clássicos de moral.

Os documentos do Celam também se referem de uma forma muito limitada a estas questões. O *IV CELAM*, por exemplo, abordou a questão da Aids, colocando-a, dentro do contexto de outros males da sociedade:

*Assiste-se assim à crescente deterioração da dignidade da pessoa humana. Crescem a cultura da morte, a violência e o terrorismo, a toxicomania e o narcotráfico. Desnaturaliza-se a dimensão integral da sexualidade humana, faz-se de homens e mulheres, inclusive de crianças, uma indústria de pornografia e prostituição: no âmbito da permissividade e promiscuidade sexual cresce o terrível mal da Aids e aumentam as doenças venéreas.*¹¹

Portanto, aparece apenas a constatação de que o *terrível mal da Aids* está crescendo. Fora esta pequena passagem, nenhuma outra palavra. Por que esta omissão? Por que este esquecimen-

¹¹ AAVV, *Santo Domingo*, op. cit., n. 235.

to? Por que esta falta? Não sabemos com certeza quais são as causas geradoras desta dificuldade social que inibe a produção teológica. As dioceses, paróquias, organismos eclesiais têm realizado pouquíssimos trabalhos de prevenção, educação, ou acompanhamento de pessoas infectadas pelos vírus HIV. Sabemos, inclusive, que em países onde a Igreja é mais conservadora, bispos perseguem, ou dificultam o trabalho de leigos que têm procurado atuar neste campo. De acordo com o diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para AIDS (Unaid), Peter Piot, a Igreja Católica é um empecilho aos programas de prevenção à doença na América Latina e Caribe. Ainda, segundo o diretor-executivo, em alguns países a Igreja faz contrapropaganda do uso da camisinha. A divulgação de informação falsa sobre o preservativo é inaceitável: *é um absurdo dizer que não são seguros e não garantem proteção.*¹²

¹² GALVÃO, J. *AIDS no Brasil*. São Paulo, Abia/34, 2000.

Nessa discussão, em 2002, o então Coordenador do Programa Nacional DST/AIDS, do Brasil, Paulo Roberto Teixeira, afirmou que:

*em programas de Saúde Pública, nos quais 100% de cobertura ou proteção não é uma meta geralmente alcançada, uma proteção da magnitude obtida pelo uso adequado do preservativo não pode ser depreciada, principalmente quando não há outra forma de se prevenir à infecção pelo HIV e outras DST que não sejam variações em torno da abstinência sexual. Olhando para a realidade do comportamento sexual das pessoas comuns, qualquer instituição que fale contra o preservativo como forma de prevenção deve assumir a responsabilidade de colocar em risco a saúde e a vida das pessoas.*¹³

¹³ Cf. P. R. TEIXEIRA. *Revista Resposta +: a experiência do Programa Brasileiro de Aids*. Brasília, 2002, p. 27.

A Teologia Moral tem um campo enorme para desenvolver uma reflexão que atenda aos problemas da sociedade. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tem se manifestado de diversos modos. Existe, inclusive, uma comissão nacional de DST/AIDS sob a coordenação de um bispo. São muitas as casas de acolhimento aos portadores do vírus e seus familiares. O atendimento pastoral é um dos pontos mais altos praticados pela Igreja Católica no tocante a esta questão. Parece-nos que outras Conferências Episcopais tem tido mais dificuldade em trabalhar a questão da AIDS. Talvez, ainda não encontraram os melhores meios de atuação, já que o tema é complexo e polêmico.

A presente reflexão procura alertar para esta realidade. O porque dessa *omissão* ou *dificuldade*, nos indica a sugerir pistas de ação pastoral que privilegiem os portadores do vírus. Questões ligadas a Teologia Moral, a cultura local, a prática dos governos, aos novos produtos vinculados pela indústria, a sexualidade banalizada, desrespeito a vida e outras formas de compor-

tamentos têm contribuído para o escamoteamento do comportamento da Aids.

Para a Teologia, a pobreza é um dos fundamentos básicos como gerador da AIDS. O HIV/AIDS se converteu na imagem de pobres, mulheres e crianças. Junto da pobreza, devemos aludir o racismo, a discriminação contra a mulher, o sistema econômico global que privilegia o lucro e o mercado acima da vida e da dignidade humana. Assim, podemos dizer que a AIDS é, em primeiro lugar, um problema de desigualdade social e não apenas de sexualidade. Mas, como governos, instituições e sociedade não conseguem diminuir as injustiças, corrupção, diferenças, restam as estratégias imediatas de prevenção focalizando, apenas, o preservativo. As estatísticas apontam que 90% das pessoas que possuem AIDS vivem nos países pobres. Significam pessoas vulneráveis, desnutridas, fechadas em bairros e favelas insalubres. A pobreza explica ainda, em grande parte, a falta de recursos para a prevenção. Portanto, mais do que tudo é preciso desenvolver nossos países, e assim, conseguiremos obter melhores condições sociais. E tendo em vista que a AIDS surgiu na África, continente também muito pobre, mais um motivo para o mapa da exclusão. Porém, não nos esqueçamos que o problema é mundial e não localizado.

A Teologia latino-americana tem insistido na necessidade de solucionar os problemas sociais a partir da distribuição das riquezas e melhorias na educação. Nos últimos 50 anos, a doutrina social católica tem evoluído muito. Primeiro, pouco a pouco, abandonou a idéia das diferenças inatas das pessoas, afirmando a igualdade em dignidade e direito de todos. Segundo, a partir do trabalho e das encíclicas sociais de João XXIII – das transformações que trouxeram o *Concílio Vaticano II*, e dos documentos produzidos pelo Celam em Medellín (Colômbia) e Puebla (México) – prestaram maior atenção às maiorias pobres e a brecha abismal entre países ricos e os subdesenvolvidos. Este movimento social que penetrou no seio da Igreja tem contribuído para colocar a justiça em primeiro lugar. O teólogo medieval, Santo Tomás de Aquino, foi o grande organizador de uma doutrina ética sobre a justiça que privilegiasse o social como fator aglutinador de transformações profundas.

Nesse sentido, a doutrina social coloca no centro de suas reflexões uma opção preferencial pelos pobres e excluídos. Nos anos 70' a Teologia latino-americana falou da dependência das classes populares a respeito das elites e da dependência econômica dos países pobres em relação aos mais ricos. E certamente tinha razão. Hoje, diante da exclusão neoliberal, se considera que o conceito da exclusão social nos oferece um diagnóstico mais preciso da injustiça, ou seja, se nega às pessoas uma participação efetiva

na vida social e econômica. Esta mesma questão pode ser observada nas pessoas que vivem com HIV/AIDS: em muitos países da América Latina são excluídas da atenção médica e das mesas onde se tomam as decisões. Nos últimos anos, a doutrina social da Igreja tem insistido na necessidade dessas pessoas serem ouvidas e de poderem também participar das grandes decisões. A justiça, então, será realizar relações sociais e institucionais, nas quais as pessoas que sofrem com o HIV/AIDS tenham uma participação ativa nas decisões. Que tenham a capacidade de pedir contas, efetivamente, as instituições no tocante a prevenção, buscando tratar e estabilizar a pandemia: clínicas e médicos, medicamentos e governos, ONGs e instituições de finanças internacionais.

A questão da AIDS apresenta muitas variantes e requer um tratamento especial no que se refere à prevenção, à atenção, ao apoio e ainda à investigação científica. Um dos temas mais complexos para a moral católica é o da prevenção. A moralidade que defende a castidade (no namoro) e a fidelidade (no casamento) não têm encontrado muita ressonância no interior da sociedade civil. Os comportamentos sociais e afetivos na atual sociedade têm sido marcados pela influência cada vez maior das grandes corporações tecnológicas e midiáticas. Isso cria um conflito entre a moral *rigorista* e a cultura *laxista*. A Igreja Católica tem insistido que a educação é o grande meio para a prevenção. Porém, todos sabemos que a educação não é uma fórmula mágica que traga resultados imediatos.

A educação precisa entrar na cultura, na mente, no coração. Mudanças comportamentais nesta sociedade não é tarefa fácil. O documento do III CELAM (Puebla) fala em *evangelizar as novas formas culturais*. Este documento destacou:

*(...) a ação evangelizadora de nossa igreja latino-americana há de ter como meta geral a constante renovação e transformação evangélica de nossa cultura, quer dizer, a penetração pelo evangelho, dos valores e critérios que a inspiram, a conversão dos homens que vivem segundo esses valores e as mudança que, para serem mais plenamente humanas, requerem as estruturas em que aqueles vivem e se expressam.*¹⁴

Mas, não é fácil, porque a cultura é, sem dúvida, uma realidade histórica e social. Forma a base de uma contínua experiência tradicional e vital de um povo. Trata-se de verificar na alma, no ser de uma pessoa ou de uma sociedade. Entretanto, a Teologia Moral não pode se omitir nesta tarefa, mesmo que seja extremamente complexo seu campo de atuação entre jovens, casais, religiosos. Os comportamentos sexuais e afetivos devem ganhar destaque, afinal, estamos vivendo transformações rápidas e gigantescas em curto espaço de tempo.

¹⁴ III Conferência Geral do Episcopado Latino americano. *A evangelização no presente e no futuro da América Latina*. São Paulo, Loyola, 1979, p. 175, n. 394.

Por isso, a Igreja Católica, através de matéria do jornal *Independent*, está à beira de uma mudança histórica em sua abordagem quanto ao uso da camisinha, que pode levar esperança a milhões de pessoas na África e em outras regiões subdesenvolvidas devastadas pela AIDS – assim começou o lead da matéria.¹⁵

Disse o presidente do Conselho Pastoral da Saúde, no Vaticano, Javier Lozano Barragan, *estamos conduzindo um estudo científico, técnico e moral muito profundo*. Com isso, espera-se que a Igreja venha oferecer sua benção, ainda que restrita e provisória, ao uso do preservativo por casais casados no quais um dos cônjuges sofra de AIDS, como forma de proteger a saúde do segundo cônjuge. Na verdade, trata-se de uma concessão técnica, baseada em dois princípios antigos, porém, diante da recusa das autoridades eclesiais quanto a mudanças nas normas da instituição sobre o uso de anticoncepcionais, a mudança pode ser considerada um grande avanço.

Em um momento em que 40 milhões de pessoas estão infectadas com o HIV e que 13 mil novos casos surgem a cada dia no mundo, o Vaticano tem sido acusado de contribuir para o avanço da epidemia em função de sua proibição ao uso de profiláticos.

Segundo matéria do *Independent*, traduzido no jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, um documento definindo a nova posição da Igreja já foi aprovado pela Pastoral da Saúde. Agora, o texto terá de passar por revisão da Congregação para a Doutrina da Fé, e por fim, receber a aprovação do Papa Bento XVI. Apesar disso tudo, não se pode dar a mudança de doutrina como certa antes que o Papa assine. Mas o fato de que a proposta teve um avanço até o ponto atual, com a aprovação de meia dúzia de cardeais influentes, foi visto como uma indicação de que a reforma está quase chegando.

Desde a encíclica *Humanae Vitae*, do Papa Paulo VI, em 1968, a contracepção se tornou um dos tabus da Igreja. Mas, em 1968, a pandemia da AIDS não existia. *As normas da igreja quanto às camisinhas continuaram a ser de rígida rejeição, já há mais de uma geração, enquanto um desastre que poderia ter sido mitigado, acusam críticos, pela aprovação ao uso de camisinhas, se espalhava sem controle.*¹⁶

Em 2005, a mudança de abordagem foi mencionada pelo cardeal Carlo Maria Martini, arcebispo aposentado de Milão. Em uma troca de opiniões com um médico-cirurgião, publicada pela revista italiana *L'Espresso*, Martini afirmou que

certamente o uso de profiláticos pode, em determinadas situações, constituir um mal menor. Existe o caso específico de casais nos quais um dos cônjuges está sob efeito da AIDS. A obrigação deste cônjuge é de proteger a outra

¹⁵ Cf. P. POPHAM, Camisinha revoluciona política do Vaticano. Em *INDEPENDENT – FOLHA DE S. PAULO*, 4 maio 2006. Caderno Mundo, p. A 14. As referências e dados que se fazem a seguir, até indicação ao contrário, procedem desta fonte.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

*peessoa, e um casal como esse deveria ser autorizado a se proteger.*¹⁷

*O cardeal estava se referindo à legitimidade da autodefesa: se a sobrevivência de uma mulher estiver sob ameaça devido aos avanços sexuais de seu marido, ela estaria justificada a se defender persuadindo o homem a usar camisinha – mesmo que o resultado venha a representar um empecilho à concepção de um possível bebê.*¹⁸

¹⁸ Idem.

Em 2004, o cardeal Javier Lozano Barragan, presidente do Conselho Pontifício de Saúde, defendeu também a mesma opinião. Declarou que *se um marido infectado deseja fazer sexo com sua mulher que não foi infectada, ela deve se defender de qualquer maneira possível*. O cardeal afirmou que essa posição *é consistente com a teologia católica, pela qual as ações de autodefesa podem se estender até a matar alguém para evitar a própria morte*.¹⁹

¹⁹ Idem.

Porém, nem o cardeal Martini nem Barragan chegaram a advogar o uso de preservativo – *a política pró-vida do Vaticano, segundo a qual o propósito do sexo é procriação, continua sacrossanta*. Segundo o jornalista do *Independent*, a Igreja tem uma longa e nobre tradição de respeito às nuances morais.

O atual Papa Bento XVI, não é visto como um reformista. Por décadas, ele era visto como o *defensor da fé*, na interpretação linha dura adotada por seu predecessor. Porém, alguns observadores do Vaticano acreditam que Bento XVI, *um purista em questão de doutrina, esteja bem posicionado para levar a posição da Igreja a um pequeno avanço na direção de práticas já adotadas pelos fiéis. E também fornecer algum apoio, ainda que tardio, aos profissionais católicos de saúde nas regiões em que a Aids se espalha de maneira descontrolada*.²⁰

²⁰ Idem.

É necessário ainda aprofundar as chaves para uma leitura teológica e pastoral sobre a AIDS. Podemos destacar a denúncia das injustiças; da prevenção imediata, através dos recursos tecnológicos disponibilizados pela ação governamental; da proposta de castidade; do acompanhamento holístico; do suporte emocional e espiritual; da empatia; do diálogo e da inclusão; da atenção especial às pessoas vulneráveis. Uma verdadeira *Teologia da Compaixão* ou da *Misericórdia*. A realidade da AIDS deve ser analisada para além de ações governamentais e acima de tudo, com uma conscientização individual. Evidentemente, essa conscientização passa pela educação, pelo investimento pessoal e institucional. É importante o processo de maturidade individual, de responsabilidade nas relações afetivas, e que esses envolvimento, com o próximo, com as instituições, sejam de modo a valorizar a existência humana.

Em se tratando da AIDS é importante prevenir. A prevenção é o melhor e principal caminho a ser reconhecido e legitimado

pela sociedade. Atrélada à prevenção a vertente científica – é preciso continuar pesquisando sobre o HIV; política – exige uma atenção especial por parte dos governantes; econômica – em torno da AIDS (pesquisa, produção de preservativos, remédios, campanhas publicitárias, questões hospitalares, planos de saúde) giram grandes negócios; meios de comunicação de massa – especialmente televisão, rádio, veículos que transmitem as mensagens sob orientação, prevenção – devem estabelecer sintonias e ações a favor da condição e dignidade humana.

Com isso tudo, pretende-se introduzir uma verdadeira *metanóia*, ou seja, uma transformação não só na sociedade, como no método teológico e conseqüentemente em sua produção teórica.

CONCLUSÃO

A AIDS é mais que realidade em nosso tempo. No Brasil, o governo optou por investir em programas de prevenção, *estimulando o uso do preservativo em todas as relações sexuais. O apoio da sociedade civil ajudou a consolidar esta política.*²¹ Governo, Igreja, órgãos como CELAM, CNBB, devem tratar a Aids através do diálogo possível, e acima de tudo, favorável à condição humana.

Sabemos que epidemia de AIDS mudou o comportamento das pessoas, enfim, da sociedade em geral. Para isso, nos perguntamos, se a realidade da Aids, da epidemia, e das conseqüências também não devem estar mudando o pensamento de alguns membros da Igreja Católica? Para o Ministério de Saúde do Brasil, a AIDS é mais do que uma realidade é uma doença sexualmente transmissível, e é neste ponto, que esbarra na dificuldade da Igreja Católica:

*A epidemia de AIDS mudou o comportamento da população em relação ao preservativo, aumentou-se à aceitabilidade e diminuem-se as crenças de que o preservativo tira o prazer. Este insumo é encarado como peça central da política governamental de prevenção à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis.*²²

Ainda, segundo o Ministério da Saúde do Brasil, a questão do preservativo causa muita polêmica, no entanto, as estratégias de campanhas publicitárias estão voltadas para o símbolo da *camisinha*, e isso irrita profundamente a Igreja no país:

A decisão de promover o uso do preservativo causou polêmica e algumas reações de setores conservadores que acreditavam que a prevenção à AIDS deveria ser centrada na castidade e na fidelidade. O governo brasileiro seguindo o

²¹ AGÊNCIA Reuters. Brasil exporta programa pioneiro Antiaids para o Cone Sul. Disponível em: www.terra.com.br/saude/noticias/aids/2002/11/29/002.htm e www.aids.gov.br. Acesso em: 29 nov. 2002.

²² Idem.

*consenso das Nações Unidas e, das Comunidades Científicas Internacionais, com base nos dados que comprovam a eficácia do preservativo na prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e à AIDS, e na premissa de não cabe a um Estado julgar a estrutura de relacionamento dos indivíduos, enfrentou as reações e tornou-se o principal protagonista na promoção da camisinha.*²³

²³ Idem.

Contudo, o governo brasileiro, através das campanhas publicitárias, principalmente no período do carnaval, tenta implantar na população a cultura de prevenção associando como um *comportamento correto*, preventivo e saudável, o uso do preservativo diante do sexo livre:

*Atualmente, a população brasileira tem claro que o preservativo é a forma mais segura de evitar a infecção pelo HIV. Esse conhecimento é uma forma de sustentação da política de prevenção. Hoje, as tradicionais críticas de alguns setores não encontram (ou encontram muito pouco) eco na sociedade brasileira. O consumo do preservativo tornou-se um dos principais indicadores para a avaliação do Programa Brasileiro. Em 1986, estudo realizado pela Benfam (Sociedade Civil de Bem Estar Familiar) mostrava que o preservativo era utilizado por apenas 5% da população. Os dados recentes comprovam a mudança de posicionamento do insumo na cultura brasileira.*²⁴

²⁴ Idem.

A crítica da Igreja Católica às mensagens publicitárias no campo da prevenção, através das campanhas nacionais continua insistindo que o governo valoriza tão somente, a camisinha, como sendo única forma de evitar a contaminação. Nesse prisma, o diálogo entre Governo e a instituição religiosa referida sobre o tema da AIDS fica comprometido. É justamente nessa complexidade que se encontra o panorama latino-americano. Apesar das questões à parte, o diálogo e as parcerias são possíveis. Concluímos que a Moral Civil como o seu Laxismo (Permissivismo), bem como, a Moral Católica com o seu Rigorismo (Legalismo), não têm cativado a população e o vírus continua se alastrando. Neste sentido, a Teologia da Prevenção deve articular o debate e projetar melhorias de qualidade de vida para o povo latino-americano. Como se trata de uma questão comportamental associada à cultura, a base epistemológica da Teologia Moral precisa estar vinculada ao conceito de responsabilidade em comunhão com a educação e a liberdade.²⁵ Mas como realizar esta tarefa num continente marcado pela vulnerabilidade da pobreza, machismo, corrupção política e preconceito moral?

²⁵ Cf. M. VIDAL, *Dez palavras-chave em Moral do futuro*. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 241-254.